

## MASSACRES EM ESCOLAS E A CULTURA DA VIOLÊNCIA

*Diogo de Jesus Araújo<sup>1</sup>  
Me. João Camilo de Souza Junior<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Os massacres em escolas são crimes que quando ocorrem causam grande repercussão e apreensão na sociedade em diferentes âmbitos. Dessa maneira, faz-se necessário o debate sobre a ocorrência desses casos não apenas no contexto brasileiro, como também fora dele, a fim de se ter uma visão mais abrangente quanto aos pontos que se repetem nesses atos e sobre os possíveis agentes que contribuem para seus desdobramentos. O objetivo geral dessa pesquisa busca associar, por meios de um estudo de casos, temas que permeiam o assunto, como a cobertura midiática, o *bullying*, a internet e suas produções e, também, o conceito de cultura, sob a luz da psicanálise. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, de modo que foi utilizado o método de pesquisa qualitativa e estudo de três casos reais de ataques contra escolas ocorridos em Columbine, Realengo e Suzano, para uma compreensão mais ampla do fenômeno. Por trás dos massacres em escolas existem vários agentes influenciadores e reforçadores do ato, que vão desde a repercussão midiática, o desejo narcisista e mórbido por notoriedade e a presença de elementos culturais disseminadores do discurso de ódio. Dessa forma a própria cultura e sociedade devem ser revisadas em seus valores, funcionamento e estrutura, para que assim não haja ainda mais fatores contribuindo para a gênese de novos tiroteios contra as escolas.

**Palavras-chave:** Cultura. Escola. Narcisismo. Psicanálise. Violência.

### 1. INTRODUÇÃO

A escola pode ser entendida como um ambiente que reflete a sociedade, haja vista que as inter-relações que ocorrem dentro dela são também frutos dessa sociedade. Quando atos de extrema violência, tais como atentados, assassinatos, dentre outros tipos variados, acontecem no espaço escolar, o laço social sofre diferentes impactos decorrentes dessas tragédias. Tragédias, como os massacres que ocorrem em escolas, tratam-se de eventos imprevisíveis, os

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Psicologia da Unifucamp. E-mail: diogoaraujo@unifucamp.edu.br

<sup>2</sup> Psicólogo, Especialista em Saúde Mental, Mestre em Psicologia e Docente da Unifucamp. E-mail: joaocamilo@unifucamp.edu.br

quais causam grande espanto e comoção junto a sua aleatoriedade e aparente carência de explicações e causas. De acordo com Vieira, Mendes e Guimarães (2009), o ato conhecido como *School Shooting* – tiroteios escolares em uma tradução livre – ocorre quando um ou mais indivíduos cometem assassinato em massa, munidos com armas de fogo, por um curto período de tempo com grande número de vítimas dentro de instituições de ensino, sendo um fenômeno criminológico que vêm se repetindo em diferentes culturas e contextos.

Um caso que repercutiu mundialmente foi o de *Columbine High School* (1999), ocorrido nos Estados Unidos da América (EUA). Sua notoriedade se deu em grande parte devido não somente ao caráter mórbido e trágico do atentado, mas também ao enorme foco que recebeu dos canais jornalísticos e do público. O enxame de notícias acerca do evento fomentou dúvidas e discussões sobre quais seriam os agentes influenciadores para que atos como esse aconteçam (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009).

Os episódios de tiroteios no espaço escolar também já ocorreram no Brasil, de modo igualmente drástico. Em 2011 na escola Municipal Tasso da Silveira, situada no bairro de Realengo, um homem entrou na instituição de ensino dizendo que faria uma palestra, porém, o seu intuito era realizar um massacre, aparentemente por vingança de sua época de estudante, pois era vítima de *bullying* (Lopes, 2012). De modo equivalente, também pode-se citar o ocorrido em Suzano no dia 13 de março de 2019 na Escola Estadual Raul Brasil, onde dois indivíduos iniciaram o morticínio contra os estudantes, um evento de extrema violência que culminou na morte de alunos e algozes (Cronologia [...], 2019).

A escola é um dos primeiros grupos sociais no qual o sujeito é inserido, e nesse grupo podem ocorrer diferentes tipos de violência, como a violência da escola, na escola e contra a escola, que são diferentes entre si. Desse modo a escola muitas vezes também se torna um ambiente violento, em vários níveis diferentes, ainda que sua principal função seja a de formar o indivíduo (Oliveira, 2014).

A violência é uma faceta humana. Todo ser humano tem tendências de construção e de destruição, inclusive de autodestruição (noções colocadas como pulsões de vida e de morte por Freud). O papel da cultura é o de civilizar o indivíduo, o ensinando a controlar e/ou redirecionar os sentimentos e impulsos de destrutividade, processo que na psicanálise é denominado “sublimação”. Isso é feito por meio da arte, do esporte, da religião ou espiritualidade, enfim,

por meio do trabalho regenerativo da condição humana, sendo inúmeros os caminhos que cada sujeito pode escolher. O que não pode ser feita é a escolha do “descaminho”, pois aquele que o escolhe muitas vezes é alheado da sociedade. Recorrentemente, o indivíduo que comete os crimes como os de massacres em massa são colocados sob termos como demente ou criminoso. O que está em xeque é capacidade desses vocábulos de qualificar o comportamento (Birman, 2005).

Essa pesquisa se justifica pela continuação de um trabalho realizado e apresentado em grupo, no primeiro período do curso de psicologia, em maio de 2019, mesmo ano que ocorreu o massacre em Susano. Nos anos de 2021 a 2023, aconteceram outros ataques em escolas no Brasil, de modo que os dois ataques mais recentes, até o momento em que se iniciou essa pesquisa, ocorreram nos meses de março e abril de 2023. Juntamente com os atentados mais recentes ocorreram ameaças de novos ataques em diferentes estados do país, acarretando grande aflição e temor na população, o que justifica *socialmente* o presente estudo. A pesquisa também traz como justificativa *acadêmica* a obtenção do conhecimento específico sobre o tema, apresentando informações e possíveis explicações que auxiliem no entendimento do fenômeno e fomentem um possível embasamento para desenvolver novas pesquisas e trabalhos, possivelmente contribuindo para a criação de prevenções a partir dos fatores de risco.

O problema nesse estudo trata-se de uma falta de entendimento sobre o fenômeno criminológico que são os massacres em escolas. São crimes em que várias causas são levantadas, e quando vistas separadamente não cumprem a função de elucidar os fatores psicossociais que influenciam para que o crime ocorra em diferentes contextos e sociedades. Quais os elementos que se repetem nos diferentes atentados às escolas? Quais os maiores indícios e fatores de risco que podem propiciar tais eventos criminosos? Qual o peso que a cultura na qual os indivíduos estão inseridos tem na gênese de tiroteios contra a escola? Essas são as questões norteadoras do presente estudo.

Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa se traduz em entender, por meio de estudo de casos, a partir de qual contexto social os elementos que configuram fatores de risco para o despontamento de massacres vão conformar personalidades complexas e suscetíveis a realização de tal ato. Os objetivos específicos desse trabalho tendem analisar como a mídia, a internet e o *bullying* podem influenciar no despontamento de massacres contra as escolas; por

meio de uma comparação entre alguns dos maiores ataques às escolas, dentro e fora do Brasil, averiguar quais os padrões existentes e fatores de repetição entre esses casos; averiguar como a cultura da violência se manifesta e influência na construção de indivíduos propícios a realizarem massacres contra as escolas.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Breve contextualização da ocorrência de assassinatos em escolas**

O indivíduo que comete um massacre, em geral, parte de sentimentos que estão latentes, decorrentes de algo que aconteceu em seu passado ou presente. Esse indivíduo também pode ser influenciado pelo grupo no qual está inserido, ou se identifica, o que pode propiciar a motivação para praticar atos criminosos. Durante o planejamento do ato, o sujeito pode imaginar se vingando, liberando sua raiva e ressentimento, tirando a vida de terceiros por meio de um assassinato em massa (Lima; Sanchez, 2017).

Pode se dizer que, na maioria das vezes, essa conduta é fomentada pelo sentimento de rejeição advindo do seu passado, quando, por exemplo, o sujeito pode ter sido alvo de brincadeiras maliciosas e repetitivas na escola, que são denominadas como *bullying*. No contexto do *bullying*, aquele que sofre, geralmente, não toma nenhuma atitude no momento, ficando recuado diante dos agressores, guardando, nesse sentido, representações que envolvem humilhação e violência em seu aparato psicológico, de um modo que, por ser alvo de zombaria, pode criar sentimentos de inferioridade. Após algum tempo, com a reverberação de pensamentos sobre a perseguição que sofreu, e sem esquecer tudo o que passou anteriormente, começa a elaborar planos de retaliação para revidar tudo o que sofreu, assim como esclarecido por Lima e Sanchez (2017, p. 6):

Enquanto o assassino em série é comumente descrito como um predador, articulador, que caça a vítima de maneira metódica, o assassino em massa por sua vez é definido como uma “bomba-relógio humana”, ou seja, estão propensos a um momento ou outro “explodirem” na vontade de matar e de preferência muitos. Embora existam relatos de ter existido homicidas em massa do sexo feminino, a grande maioria desse tipo de criminoso é formado por homens. Tais assassinos possuem a característica de alguém cuja vida saiu dos trilhos, alguém que sofreu alguma decepção, derrota, alguém que foi largado da mulher, despedido do emprego ou que sofreu algum revés humilhante ou constrangedor que o fez perder o controle.

O crime de massacre ocorrido nas escolas cresceu em termos de frequência no decorrer dos anos. Segundo Lima (2011), o sociólogo alemão Robert Kurz denominou esse tipo de ato criminoso de "amoque", que advém da palavra "amok", de origem malaia, significando raiva cega. Lima também apresenta algumas características comuns aos indivíduos que cometem esse crime:

Alguns pontos, porém, são coincidentes em tais crimes: a) a maioria dos assassinos são jovens (homens), considerados pelos estudos como ressentidos, rotulados de losers (perdedores) pelos colegas e professores; b) são viciados em videogames e filmes violentos; c) tinham acesso fácil a armamento pesado; d) eram quietos, reservados, esquisitos; e) escolheram descarregar sua arma no ambiente da escola e depois se suicidaram; f) antes do ato não apresentaram qualquer sinal de comportamento desviante ou histórico de delinquência, mas teriam histórico familiar complicado (Lima, 2009, p. 1).

Também é importante observar que os atos de homicídio e suicídio realizados em crimes amoques são intencionalmente públicos, tendo um caráter teatral. Os indivíduos planejam os atos de forma espetacular, colocando-se no lugar de protagonistas de uma trama violenta, motivados pela vontade de serem onipotentes e causarem remorso em proporção global (Lima, 2009).

Na discussão relacionada aos massacres em escolas, é necessário ponderar aspectos que podem ou não contribuir para a criação de um possível perfil de indivíduo capaz de realizar ataques. Dessa forma, *bullying*, redes sociais, fóruns anônimos na internet, jogos online, a cobertura midiática, e o discurso de ódio difundido em uma cultura violenta, são fatores que devem ser analisados frente a criação e compreensão do psicológico de estudantes que se tornam atiradores.

## **2.2 Bullying nas escolas**

Casos de *bullying* se tornam cada vez mais frequentes atualmente, sendo noticiados por meio de jornais, telejornais, rádio, redes sociais, dentre outros meios de comunicação. Infelizmente, é comum que as vítimas dessa violência não consigam expressar seus sentimentos de forma correta, então ficam acanhados e com vergonha de dizer e se abrir falando de sua vida. Muitas vezes não procuram ajuda e se fecham em um mundo possessivo e agressivo, podendo entrar em algum nível de depressão, de modo que podem chegar a atentarem contra a vida do próximo ou até contra sua própria vida (Ristum, 2010).

As pessoas que cometem *bullying* geralmente o fazem para se sentirem superiores, com intuito de elevar sua autoestima rebaixando o outro, querendo aparecer para os colegas e, assim, conquistar a popularidade tão almejada. Porém, pode haver muito mais questões por trás desse ato de humilhação, podendo ser um espelhamento de seu passado, traumas, relações familiares conflituosas que levam a agressividade como uma reação a problemas que desencadeiam uma série de fatores negativos. Tal atitude também pode ser reflexo de questões como relações conflituosas no lar, perda de um ente querido, ausência de pais em casa ou, até mesmo, falta de afeto e carinho (Ristum, 2010).

A violência sofrida, a perseguição e o senso de injustiça podem contribuir para que a pessoa vítima do *bullying* torne-se mais suscetível, mais exposta a tomar a violência também como meio de responder a essa provocação. Tal resposta, na maioria das vezes, supera o nível de gravidade e dano sofrido pela pessoa. Uma possível analogia, seria quando uma criança recebe um tapa de um colega, o primeiro impulso seria o de devolver o tapa e, se possível, devolvê-lo com mais fervor e intensidade, de modo que supere o dano recebido. Só assim estaria satisfeita, vingada. Essa ação remete ao conceito psicanalítico de passagem ao ato, sendo um ponto de vazio em que o sujeito cai, onde nenhuma palavra ou simbolização lhe vem à mente, e o que resta é o ato (Calazans; Bastos, 2010).

Em relação aos tiroteios nas escolas, o *bullying* pode ser entendido como um sinal de alerta que não pode passar despercebido pelas instituições. Em grande parte dos casos de ataques armados que tem como espaço as instituições educacionais, houve indícios de que os autores haviam sofrido em algum momento perseguições e humilhações dentro do ambiente escolar, o que sustenta a hipótese de uma das motivações para esse tipo de crime ser a de se vingar por agressões e humilhações anteriormente sofridas (Lima, 2011). O fato de terem sofrido *bullying* no ambiente escolar não legitima o ato de retaliação, porém, traz o questionamento de como a comunidade escolar – pais, alunos e professores – tem encarado a existência crescente da violência denominada *bullying* dentro das escolas (Ristum, 2010).

O *bullying* é uma forma de violência dentro das escolas. Sua relação com os ataques amouques varia, de modo que há casos em que supostamente alguns indivíduos foram vítimas, já em outros casos os indivíduos realizaram e, também, sofreram *bullying*. Porém apenas essa violência não configura peso o bastante para a construção de possíveis atirados em escolas,

ainda que seja um fator de risco, prejudicando o bom convívio dos estudantes nos colégios. Deve-se ressaltar que as instituições escolares não estão isentas do combate ao *bullying*, sendo imprescindível que elas colaborem na prevenção e erradicação desse tipo de violência (Albuquerque; Williams; D'affonseca, 2013).

### 2.3 Mundo virtual: internet e jogos eletrônicos

A internet é uma ferramenta muito utilizada atualmente para diversas finalidades que vão desde trabalho, comunicação, informação e lazer. A grande maioria dos usuários na rede navegam pela camada mais superficial da internet, aquela acessada por meio de qualquer navegador convencional, local em que ficam conteúdos de fácil acesso, sendo indexados pelos mecanismos usuais de busca como o Google (Vignoli; Monteiro, 2020).

A rede comumente utilizada, também conhecida por *Surface Web*, é apenas a camada mais superficial de um todo que é a internet. Desse modo, ao adentrar em níveis mais profundos e escondidos da rede, encontra-se seu ponto mais profundo, que é a *Deep Web*, uma camada que não pode ser acessada pelos métodos comuns de busca. É um nível oposto à internet superficial, não indexável, retendo conteúdos não acessíveis ou rastreáveis pelos motores de pesquisa, assim como discorrido por Alves (2018).

A Deep Web – também denominada de Web Profunda, Darknet, Web invisível, Web oculta, rede Tor, além de outras variantes – caracteriza-se como uma camada da Internet – ou Surface Web – que não pode ser acessada de forma corriqueira e usual como a maioria das pessoas faz diariamente. Para acessar o conteúdo da Web Profunda faz-se necessário o uso de software específico e muito bom senso, pois é possível encontrar temáticas de excelente qualidade e também do pior nível imaginável (Alves, 2018, p.128).

Alves (2018), ainda chama a atenção sobre como a *Surface Web* já oferece aos usuários um bom nível de anonimato, porém na deep web esse anonimato pode ser completo, já que o seu usuário muitas vezes não poder ser identificado. Esse anonimato exacerbado também abre brechas para as mais diversas condutas criminosas dentro do ciberespaço.

Nesse ambiente de extrema liberdade e dificilmente rastreável, existem fóruns online e anônimos, conhecidos como *chans*. Em muitos desses *chans*, indivíduos que alimentam ódio sobre vários aspectos da sociedade se reúnem para discutir sobre seus ideais distorcidos, configurando um lugar onde se fala de temas como islamismo de forma deturpada, terrorismo,



nazismo, homofobia, misoginia, associação criminosa, racismo, ameaças e incitação ao crime (Pinto Neto, 2019).

Os *chans* são lugares na internet nos quais surgem diversas subculturas que disseminam o discurso de ódio, e cada um desses fóruns pode dar foco a diferentes expressões desse discurso. Sendo assim, dentro das várias temáticas possíveis, são conhecidos fóruns que têm como foco falar sobre e incentivar atos terroristas e de extrema violência, como os massacres em escolas (Ataques [...], 2023).

Juntamente com essas subculturas, surgem termos como *incel* e *sancto*. O termo *incel* diz respeito a celibatários involuntários que nutrem ódio por movimentos como o feminismo e enxergam as mulheres como seres inferiores que deveriam estar submissos ao controle patriarcal (Pinto Neto, 2019). Já a palavra *sancto* trata-se de um termo advindo da liturgia católica, e nela carregava o sentido de adoração, porém, no contexto dos *chans* o termo é usado para o indivíduo que realiza massacres contra as escolas em *ato sancto*, tornando-se uma espécie de ícone, sendo cultuados em tais comunidades como heróis (Ataques [...], 2023).

Na maior parte dos ataques amoques os atiradores teriam iniciado em blogs, sites, ou grupos da internet com essas visões deturpadas, movidos pela sensação de identificação e pertencimento, de modo que esses grupos realizam uma arregimentação ao terrorismo. Eles teriam sido escolhidos para serem aliciados ao demonstrarem interesse pela causa, assim os aliciadores os acompanham até o dia do massacre. Dessa forma, observando de modo mais amplo, embora sejam poucos os indivíduos que entram nas escolas e chegam as vias de fato, eles podem representar comunidades deturpadas que induzem e glorificam tais ações (Massacre [...], 2023).

Ainda no que tange ao mundo virtual, nota-se que a maioria dos atiradores passavam boa parte de seu tempo em jogos online, havendo uma preferência pelo gênero de *first-person shooters* (FPS), jogos de combate com armas de fogo, em que a perspectiva da câmera fica em primeira pessoa, como se o jogador e o personagem do jogo fossem o mesmo observador (Massacre [...], 2023). O fascínio por esse tipo de jogo também é discutido por Lima (2009).

[...] os jovens passam horas se ‘divertindo’ em videogames violentos, cujo efeito é a dessensibilização sobre a dor dos outros; inconscientemente, eles estão exercitando sua pulsão de morte para ser ato na realidade concreta. A nova geração estaria inaugurando a era “póshumana” (Haraway, 1990 *apud* Green e Bigun, 1995, p. 218, 231-2), apagando as fronteiras entre a realidade e a ficção, e negando radicalmente o papel civilizador da escola. (Lima, 2009, p. 2)



A escolha por essa espécie de jogo não seria então aleatória, mas movida por processos de identificação e de uma espécie de “satisfação” de desejos de morte. O perigo estaria não no jogo em si, mas na mente patológica que usufrui da violência para fins mórbidos.

Outro ponto importante na questão dos jogos online é a própria interação com outros jogadores que eles proporcionam, sendo nos *chats* de alguns desses jogos que aliciadores ficam à espreita de jovens que não necessariamente tramam atos de violência extrema, porém podem apresentar alguns pensamentos ou características comuns aos usuários dos *chans*, dando início ao processo de cooptação. Este processo muitas vezes ocorre em redes sociais sub-reguladas presentes na superfície da internet, como *Discord*, *Instagram*, *Twitter* (ou *X*) e *Whatsapp* (Ataques [...], 2023).

O ódio, o desafeto em relação às minorias sociais, as ideias distorcidas sobre poder e masculinidade, a visão indiferente com reação ao outro e a falta de empatia sobre as vidas alheias e sobre as próprias vidas são questões que unem os participantes dos chamados *chans*, de modo que alguns deles sentem-se motivados a tornar seus pensamentos em ações no mundo físico (Pinto Neto, 2019). Os motivos que permeiam tais ações se expandem para além de grupos como os fóruns online e outros sites, tendo ligação com a forma como ataques amoques são apresentados por jornais televisivos ou impressos, revistas, canais de TV e outros veículos de notícias.

#### **2.4 O papel das mídias: a figura dos atiradores e o efeito *copycat***

A mídia desempenha funções importantes e de grande impacto na sociedade, de modo que multidões consomem os conteúdos divulgados pelos veículos de comunicação, o que influencia na percepção e no entendimento de mundo dos indivíduos em sociedade. Surge aí a necessidade de um extremo cuidado no modo como a imprensa dissemina a informação, especialmente quando se trata de crimes e de seus autores, pois a mídia pode contribuir para a criação de um discurso no qual as pessoas criam figuras de “heróis e vilões”, “anjos e demônios” assim como discutido por Lima (2011).

Embora criticada pelo estilo sensacionalista e análises rasas, ainda bem que a imprensa noticia, convoca especialistas para analisar, promove debates, enfim, faz o seu papel. Infelizmente a mesma mídia que discursa a favor da paz nas horas de tragédia reforça a cultura da violência na sua programação. Até mesmo um facínora

como Osama Bin Laden ou um criminoso comum como foi Leonardo Pareja, a imprensa “sem querer” passa a mensagem subliminar de serem “os caras”: um, porque enfrentou o poderio bélico norte-americano e denunciou a decadência da cultura cristã ocidental, outro, porque enfrentou a banda podre da polícia; o Pareja foi até considerado como intelectual das prisões (Lima, 2011, p. 132).

Casos como os *school shootings* rapidamente tornam-se grandes eventos midiáticos, recebendo uma ampla cobertura dos canais de notícias. Logo, detalhes do ocorrido como local, horário, cronologia dos fatos, vítimas e alvos, assim como possíveis causas e motivações dos autores, estão disponíveis e podem ser facilmente acessados por qualquer pessoa. Essas informações sobre os massacres, mais precisamente sobre os atiradores, podem ter um efeito nocivo socialmente, pois ao mesmo tempo em que mantém as pessoas informadas sobre o ocorrido, também podem acabar dando muita ênfase e notoriedade para os autores dos atentados. O descuido da mídia audiovisual em reação a conteúdos como nomes, imagens e a forma como se refere aos atiradores, pode inclusive lhes dar notoriedade nos *chans* em que participavam, contribuindo assim para a criação dos *sanctos* (ícones) nesses fóruns anônimos (Botão; Souza; Ribeiro, 2019).

Além de entregar o reconhecimento almejado pelos atiradores, as estações midiáticas, devido ao foco excessivo na figura dos autores, podem também contribuir para o chamado efeito *copycat*, denominado por Loren Coleman no ano de 2004. O efeito ocorre quando após a divulgação de casos de assassinato em série, suicídio, terrorismo, ou casos como os tiroteios em escolas, surgem outras personas que querem cometer o mesmo ato para ter a mesma notoriedade (Massacre [...], 2023). Dessa maneira, com a ênfase midiática na figura dos amoques, recontando precisamente suas ações e os colocando como “monstros”, podem surgir novos casos em que os próximos atiradores se inspiram nos ataques anteriores.

Existem casos de *school shootings* em que há fortes evidências da manifestação do efeito *copycat*, já em outros casos esse efeito não pode ser apontado. Ainda assim, a presença desse efeito mimético pode ser vista em grande parte dos atentados às escolas, principalmente naqueles posteriores aos eventos em Columbine, até hoje um dos casos mais disseminados pelos veículos jornalísticos, de modo que em vários atentados posteriores os atiradores usaram roupas e armas parecidas, além de um *modus operandi* muito semelhante aos dos garotos do Colorado (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009).

Dessarte, em relação à cobertura da mídia sobre os casos de tiroteios em escolas, é preciso ponderar sobre o uso de informações muito específicas, principalmente no que tange a figura do atirador. O uso de conteúdos explícitos, como fotos dos autores e das vítimas logo após o atentado, nomes e forma como agiram muitas vezes pode ser um artifício sensacionalista para atrair a atenção do público, gerando visibilidade e destaque em meio a várias outras notícias de mesma natureza. Entretanto, essa mídia violenta e descuidada, no que tange casos como os *school shooting*, pode estimular e chamar a atenção de jovens que se identificam com o assunto e que vendo detalhes da forma de agir dos atiradores, podem se inspirar e percorrer a mesma trajetória.

### **3. METODOLOGIA**

Na presente pesquisa utilizou-se como metodologia o estudo de casos que tiveram como cena massacres em escolas, a fim de representar por meio de episódios reais, a discussão que se ensejou com a fundamentação teórica. Portanto, para uma boa construção teórica, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se de livros, artigos, teses e dissertações com o intuito de se aprofundar nos temas que abarcam o *bullying*, o mundo online e o papel da mídia.

A pesquisa bibliográfica é criada a partir de documentos já existentes sobre um determinado assunto, tratando-se de materiais que podem ser facilmente encontrados em revistas, livros, jornais, artigos científicos e publicações em periódicos, teses e dissertações. Configura-se como peça indispensável em cursos de graduações sendo produzida por fases, seja na delimitação do assunto de um trabalho ou pesquisa, na elaboração do tema, em citações e também na apresentação das conclusões (Pizzani *et al*, 2012). Os materiais utilizados foram buscados em plataformas como: Google Acadêmico, *Pepsic*, *PubMed*, *Scopus Preview* e *Scielo*. A busca foi realizada colocando-se como prioridade os materiais dos últimos 10 anos (de 2013 a 2023), incluindo o uso de livros, dissertações e teses acerca do tema. Como critérios de inclusão foram utilizadas as palavras-chave: cultura, escola, narcisismo, psicanálise e violência.

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa será a qualitativa. Trata-se de um método diferente da pesquisa experimental e o que a difere das demais é o modo como se capta e se realiza a validação dos conhecimentos, levando em consideração a subjetividade e o

vínculo que cada um tem com o objeto. O pesquisador é uma peça fundamental para esse processo, analisando e buscando entender cada um dos fenômenos estudados, não fazendo isso como uma tentativa de simplificar a pesquisa em uma teoria explicativa, pois não é um objeto neutro, mas possui significado que cada indivíduo irá atribuir de forma única (Martins; Bógus, 2004).

O estudo de caso em psicologia deve estar alinhado com as exigências éticas intrínsecas a qualquer atividade científica, ainda mais quando a pesquisa envolve seres humanos. Dessa maneira, antes de iniciar a busca dos dados, na maioria dos casos o pesquisador deve direcionar um projeto de sua pesquisa para a avaliação de um comitê de ética, para que assim a sua pesquisa esteja nos parâmetros adequados e possa ser continuada (Peres; Santos, 2005). Os casos dos massacres nas escolas de Columbine, Realengo e Suzano, escolhidos como objetos de estudo para a pesquisa, são de conhecimento público e, portanto, não foi preciso que passassem por uma análise de um comitê de ética.

No estudo dos casos, a teoria psicanalítica foi utilizada para subsidiar as discussões e resultados encontrados, de modo que conceitos como “narcisismo” e “pulsão de morte” - esta última advinda da segunda teoria pulsional de Freud - foram implementados na discussão dos casos (Azevedo; Neto, 2015). Dessa forma, ao aplicar a psicanálise no estudo de caso, primeiro realizou-se uma descrição de cada caso, apresentando um pouco da história dos indivíduos centrais no estudo. O segundo passo tratou-se da análise e interpretação dos casos expostos, juntamente com a discussão de concepções metapsicológicas que demonstram a noção de homem para a psicanálise (Guimarães; Bento, 2008).

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Apresentação dos casos**

#### **4.1.1 O contexto estadunidense: massacre em Columbine**

O atentado foi perpetrado por dois jovens, sendo eles Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos. Ambos eram estudantes da *Columbine High School* quando realizaram o atentado aos colegas de escola. O ataque ficou conhecido como “*Massacre de Columbine*” e aconteceu na cidade com o mesmo nome, localizada nos Estados Unidos da América (EUA),

no estado do Colorado. Ao final desse evento criminoso, houve 13 pessoas mortas, além do suicídio cometido pelos atiradores, outras 23 ficaram feridas, por conseguinte houve uma grande cobertura da mídia estadunidense (Massacre [...], 2021).

Nesse sentido, os perpetradores da chacina eram colegas na instituição, mas também eram amigos fora dos muros da escola. Eles costumavam se encontrar em locais de lazer e se demonstravam jovens aparentemente comuns (Massacre [...], 2019a). No entanto, após o crime e as investigações que analisaram as evidências deixadas nas casas dos garotos, descobriu-se como os dois estavam descontentes em relação ao âmbito social e também emocional, o que demonstra indícios das motivações que levaram Eric e Dylan a tramar e pôr em prática o atentado contra o colégio. No livro “*Columbine*”, escrito por Cullen (2009), são encontrados trechos dos diários de ambos os atiradores, sendo possível identificar uma vontade de “aniquilar a humanidade”, além da facilidade dos rapazes para obterem o armamento (armas de fogo, facas, peças para bombas caseiras, etc.) para o ataque (Cullen, 2009).

O massacre ocorreu no dia 20 de abril de 1999, quando os algozes perseguiram vários alunos presentes na instituição por volta das 11 horas e 20 minutos até às 12 horas e 8 minutos (Massacre [...], 2019b). A grande divulgação da mídia, que inclusive ocorrera mesmo durante o massacre, contribuiu para tonar esse trágico fato o mais famoso caso de ataque a uma instituição escolar, cuja repercussão foi global (Tiros em Columbine, 2002).

Em meio aos diversos aspectos que permeiam a lógica construída pelos autores para arquitetar e praticar o atentado, dá-se ênfase para o modo como os atiradores se apoiavam e se incentivavam, pondo a violência como um meio necessário e efetivo para atingir seus objetivos. O modo como eles se estimulavam e até mesmo ensaiavam a futura chacina é percebido inclusive em registros de vídeos feitos pelos atiradores dentro do colégio. Nesses vídeos eles reproduziam histórias criadas por eles mesmos e, inclusive, já se trajavam com as vestimentas que usariam futuramente no massacre (Cullen, 2009).

#### 4.1.2 O contexto brasileiro: massacres de Realengo e Suzano

O atentado que ficou conhecido como “O Massacre de Realengo” ocorreu no dia 7 de abril de 2011, quando Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, iniciou uma sequência de disparos contra os alunos da Escola Municipal Tasso da Silveira, no Bairro de Realengo,

localizado na cidade do Rio de Janeiro. O ato teve início acerca de 8 horas e 30 minutos daquela manhã, tendo seu fim por volta de 8 horas e 45 minutos (Lopes, 2012).

Wellington era ex-aluno da escola, e no dia que perpetrou o ataque, o colégio comemorava 40 anos de existência. Na data comemorativa, a instituição realizava um evento no qual recebia antigos ex-alunos que haviam se formado, essa “brecha” foi utilizada pelo atirador para adentrar à escola sem levantar maiores suspeitas. Esse fato revela o caráter premeditado do assassinato em massa, de modo que o atirador havia planejado muito bem como ele iria agir, tendo estruturado o ato por cerca de um ano (Massacre [...], 2023).

Quando entrou na sala de aula na qual iniciaria os disparos, utilizando o pretexto de que iria ministrar uma palestra, o atirador estava munido de duas armas e também de carregadores rápidos, que permitiram recarregar a arma com maior velocidade (Massacre [...], 2023). Segundo Lopes (2012), ao iniciar os disparos, a maioria de seus alvos eram as meninas, de modo que contra elas os disparos eram focados em pontos vitais como a testa e o peito, já os meninos recebiam tiros nos braços e nas pernas. Por volta de 15 minutos após o início do atentado, já haviam 10 meninas mortas e 2 meninos assassinados, além de outros 12 estudantes feridos. Um policial que estava próximo à escola entrou na instituição e atirou em Wellington, que caiu aos pés da escada do corredor, cometendo suicídio logo depois, com um disparo em sua cabeça (Bernardo, 2021).

Posteriormente, a preferência por assassinar as meninas, demonstrada pelo atirador, fomentou discussões sobre o crime realizado ter sido motivado por questões misóginas. Os vídeos encontrados no computador deixado na casa do atirador, assim como também a carta escrita por ele, continham ditos e passagens religiosas. Tanto nos vídeos, quanto na carta, haviam argumentações de cunho religioso que colocavam as mulheres como seres impuros e inferiores (Massacre [...], 2023).

A religião na qual o atirador de Realengo parece ter encontrado justificativas para seus atos parece ser uma mistura descuidada entre a religião islâmica e a evangélica, feita por ele mesmo, assim como elucidado por Lopes (2012).

Aceita a importância dada pela imprensa de que sua mãe adotiva seria uma fanática evangélica, a partir de cuja influência ele teria passado ao fanatismo originário de outra religião, a mistura de crenças pouco sólidas de Wellington também nos parece muito mais fruto de uma racionalização extrema, que justificasse para si e para outros seu comportamento assassino, do que a adesão a alguma prática religiosa específica (Lopes, 2012, p. 28)



Em depoimento de familiares e colegas, foi dito que Wellington sempre foi um rapaz tímido e isolado e, aparentemente, sofreu *bullying* quando mais jovem por seu jeito retraído de ser. Seu fascínio pelo terrorismo e pelo islamismo supostamente surgiu com o ataque terrorista às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2011, de modo que o garoto sentiu admiração pelo trágico ocorrido. Esse mesmo ataque teria o inspirado futuramente a realizar o assassinato em massa na escola de Realengo (Bernardo, 2021).

#### 4.1.3 O contexto do “Massacre de Suzano”

Passados 8 anos após o trágico evento em Realengo, a sombra do legado de *Columbine* voltou a aparecer no contexto brasileiro. Em 13 de março de 2019, por volta das 9 horas e 30 minutos, dois jovens, Guilherme Tauci de Monteiro, com 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, adentraram os portões da Escola Estadual Prof. Raul Brasil, localizada no município de Suzano, Região Metropolitana de São Paulo. Juntos, ambos cometeram outro atentado a uma instituição escolar, que ganhou grande cobertura midiática e ficou conhecido como “Massacre de Suzano” (Cronologia [...], 2019).

Antes de sair de casa para o massacre, Guilherme postou algumas fotos em sua conta do *Facebook*. Nas imagens o rapaz usava vestimentas pretas, um lenço preto com um desenho de caveira branca cobrindo parcialmente seu rosto e um boné, tudo isso enquanto segurava um revólver (Cronologia [...], 2019). Antes do massacre, os atiradores planejaram uma espécie de pacto. Cada um deles mataria alguém com o qual tivesse desavenças e que estivesse fora da escola, antes do ataque ao colégio. Luiz foi a casa de um homem que ele não gostava, mas por sorte o homem não atendeu o garoto. A dupla foi então para a loja do tio de Guilherme. O Homem foi baleado por seu sobrinho e morreu devido aos ferimentos. Logo após a dupla foi a caminho da escola, utilizando um carro alugado por Luiz (Carvalho, 2019).

Luiz parou o carro alugado junto a Guilherme em frente ao colégio, no qual ambos já haviam estudado. Guilherme foi o primeiro a sair do automóvel e entrar na instituição e, pouco tempo depois, Luiz repetiu as mesmas ações. Já dentro da escola, Guilherme sacou uma arma de fogo e realizou disparos contra alunos e funcionários do local. Então, dali em diante, a dupla continuou com perseguições e assassinatos, ações que perduraram por cerca de quinze minutos,

tendo seu desfecho quando Guilherme assassinou Luiz, cometendo suicídio logo em seguida (Carvalho, 2019).

Em coletiva de imprensa, Ruy Ferraz Fontes, delegado-geral da Polícia Civil de São Paulo, relatou que os investigadores concluíram que as motivações dos rapazes para tal crime, provavelmente, giraram em torno do *bullying*, isolamento social e do desejo de superar os eventos de Columbine. Havia um tipo de admiração pela forma que os atirados de Columbine foram lembrados pelos seus crimes. Além disso os criminosos apresentaram um pensamento de que estavam prestes a cometer algum tipo de “ato heroico” (Tragédia [...], 2019).

Após o atentado, dois cadernos que estavam no carro utilizado pelos perpetradores do ato foram confiscados pela polícia. Depois que os cadernos foram confiscados, canais televisivos compartilharam imagens na íntegra. Havia nos desenhos referências ao *Slenderman* (personagem fictício de histórias de terror americanas) e *Jeff The Killer* (personagem de uma história de terror de mesmo nome, pertencente a cultura estadunidense), o que mostra uma mentalidade infantil e desordenada. O isolamento social somado a grande massa de conteúdo extremista na internet, que faz apologia à violência em geral, pode afetar significativamente o psicológico desse tipo de indivíduo com tendências desviantes (Botão; Souza; Ribeiro, 2019).

Considerando a morte das vítimas e dos algozes, o massacre em massa terminou com dez pessoas mortas e recebeu uma intensa cobertura midiática, assim como os outros ataques relatados anteriormente. A grande repercussão do massacre chama a atenção para a necessidade urgente de uma discussão mais aprofundada em relação ao modo como os meios de comunicação vêm tratando o assunto da violência envolvida com as escolas (Botão; Souza; Ribeiro, 2019).

Um ano após o crime, funcionários do cemitério relataram que admiradores costumavam frequentar o túmulo dos atiradores e prestar homenagens. Uma parte da sociedade ainda distorce a violência injustificável e cruel como ato de heroísmo, assim como Guilherme fazia com outros atiradores (Vargas, 2020).

## **4.2 Discussão sobre os casos**

### **4.2.1 Algumas associações entre os massacres e possíveis fatores influenciadores**

O primeiro passo a se discutir sobre os casos apresentados é relativo ao ambiente no qual estavam inseridos. Vieira, Mendes e Guimarães (2009) discutem sobre como os relatórios investigativos após o massacre em Columbine descrevem como o ambiente na escola secundária de Columbine era marcado pela competitividade e prática de *bullying*, cenário que não recebia cuidado necessário dos profissionais da instituição.

Columbine era uma escola típica americana, onde os adolescentes que obtêm destaque nos esportes são muito populares. Muito mais do que popularidade, os atletas na Columbine “pré-massacre” desfrutavam de privilégios e da proteção de técnicos, professores e diretores. Segundo os relatos, nem todos, mas vários atletas tinham por hábito a prática do *bullying* contra alunos pouco populares, incluindo Erick Harris e Dylan Klebold (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009, p. 496).

Dentre os casos aqui citados, existem relatos de *bullying* envolvendo também Wellington e Guilherme, relatos estes deixados por familiares como o avô de Guilherme, em entrevista para o jornal “Metrópoles” (Suzano [...], 2019) e os moradores da rua em que Wellington residia (Lopes, 2012). Sendo assim, dentro de um aglomerado de fatores, o *bullying* se faz presente nos casos expostos no presente texto, e provavelmente contribuiu para que os jovens criassem um grande ressentimento com relação ao ambiente escolar, podendo ter influenciado na escolha desses locais como alvo onde descarregariam suas frustrações e sentimentos de ódio.

Outro aspecto comum nos casos apresentados seria a questão dos jogos online, em especial os FPS (*First Person Shooter*), jogos violentos que envolvem armas de fogo e nos quais a câmera da personagem do jogo está localizada em primeira pessoa. Erick e Dylan jogavam um jogo FPS chamado *DOOM*, e passavam muitas horas em *Lan houses* para jogarem juntos. Até mesmo criavam mapas dentro do jogo e compartilhavam seus mapas criados na internet para que outros jogadores pudessem jogar (Cullen, 2009). Wellington, por sua vez, dispndia muito de seu tempo em um jogo chamado *Counter-Strike: Global Offensive*, um dos FPS mais famosos na época, um jogo que também fazia parte da rotina de Guilherme e Luiz, autores do massacre em Suzano (Cronologia [...], 2019).

Como já discutido, os jogos em si não são responsáveis por transformar pessoas em indivíduos com fortes desejos de morte contra a vida do próximo ou contra a própria vida. No entanto, no caso de indivíduos que já possuem uma história de vida com episódios violentos e/ou traumáticos, os jogos podem servir como um objeto para satisfação de desejos mórbidos,

concomitantemente estimulando a pulsão de morte e dessensibilizando a capacidade de sentir a dor do outro (Lima, 2009).

Uma ligação muito forte entre os *school shootings* aqui descritos é o desejo apresentado por todos de se tornarem *sanctos*. Eles possuíam uma nítida noção que seus atos espetaculosos e teatrais de assassinato, assim como de seus próprios suicídios, iriam deixar suas figuras em destaque nos jornais e demais veículos da imprensa. Nota-se então indícios de personalidades narcisistas, que almejavam antes de tudo uma notoriedade e destaque que nunca tiveram (Pinto Neto, 2019). Os autores chegaram até mesmo a se inspirarem uns nos outros, enquanto almejavam também realizar atos ainda mais letais, com maior número de vítimas, e consequente recebendo maior cobertura midiática. Os autores do atentado contra Suzano, eram integrantes de um *chan* chamado “Dogolochan”, muito utilizado por usuários da cultura *incel*, local onde muitos ataques contra escolas eram vangloriados em “*ato sancto*” assim como foi o massacre de Realengo e Columbine (Pinto Neto, 2019).

No que tange à esfera familiar, Eric e Dylan tinham uma estrutura familiar bem típica. Ambos moravam com seus pais e mães, e eram vistos por essas famílias como garotos um pouco tímidos e distantes, porém ainda sim dentro do comportamento esperado normal para a idade (Cullen, 2009). Já Wellington teve uma estruturação familiar um pouco mais conturbada, de modo que sua mãe biológica teve de ser internada devido a problemas psiquiátricos, o que o levou a ser adotado quando bebê. Desde pequeno se comportava de maneira muito introvertida e seu desempenho escolar era abaixo da média, o que fez sua família pensar que ele poderia ter algum tipo de deficiência intelectual (Lopes, 2012). Guilherme Tauci de Monteiro também não foi criado por sua mãe biológica devido ao fato de ela ser toxicomaniaca, sendo assim foi criado por seus avós maternos. Anos mais tarde sua mãe também passou a morar na casa de seus avós, porém a relação dos dois sempre foi muito distante (Suzano [...], 2019). Já Luiz Henrique, vivia com os pais biológicos, e inclusive chegou a trabalhar junto de seu pai em uma empreiteira, porém a relação de Luiz com seus pais não era muito próxima, em grande parte, devido a postura distante do jovem para com os pais (Cronologia [...], 2019).

A descuidada e intensa cobertura midiática em torno dos atentados, que de fato foram atos de extrema violência, criminosos e cruéis, pode ter contribuído para um mórbido legado que viria a seguir, que repercutiria não apenas na sociedade norte-americana, mas também em

várias outras, inclusive a brasileira. Trata-se do “efeito-contágio”, que no caso de Columbine acabou encorajando outros ataques em escolas de diversos países do mundo, o que também ficou conhecido como “*efeito-columbine*” (Botão; Souza; Ribeiro, 2019). Assim como Eric e Dylan se inspiraram no atentado de “Oklahoma City” de 19 de abril de 1995, e pretendiam superar seu número de vítimas, ocorreram outros casos de *school shootings*, onde seus autores não apenas se espelhavam no massacre de *Columbine*, como também almejavam superar a quantidade de pessoas mortas no ato.

#### 4.2.2 Pensando o narcisismo em diálogo com os massacres nas escolas

Fatores como o *bullying*, a internet, os jogos, e a mídia estão na primeira camada de agentes que atuam na construção de indivíduos capazes de realizar atos amoques. Porém, é necessário analisar outros fatores que estão atuando perante os casos de tiroteios em escolas. Um desses pontos é a natureza narcisista das ações amoques misturadas com a pulsão de morte do aparelho psíquico. O termo narcisismo faz referência a um personagem da mitologia grega chamado Narciso, que foi condenado pela deusa Nêmesis a apaixonar-se pela sua própria imagem refletida nas águas de um rio, e por amor a essa imagem ele morreu (Araújo, 2010).

Freud, por volta de 1914, usa o termo narcisismo para designar um conceito que diz respeito à relação de amor que todos os seres humanos têm com a sua própria imagem. Essa imagem se trata da imagem idealizada que todos têm de si mesmos, o eu ideal. O narcisismo, portanto, do ponto de vista psicanalítico vai designar essa relação de amor que o sujeito tem com o seu próprio eu ideal. Sendo assim ao falar de narcisismo não se trata de amor-próprio, pois este amor não é direcionado ao indivíduo, mas sim à imagem idealizada que o indivíduo tem de si mesmo. Desse modo, por amor a essa imagem ideal, o indivíduo pode acabar realizando ações autodestrutivas (Araújo, 2010).

O ser humano não nasce pronto, mas sim vai se constituindo como um ser. O que a própria psicologia, as neurociências e os estudos da mente foram descobrindo é que o indivíduo vai se construindo como um sujeito. A partir do momento que nasce, esse processo de alteridade fundamental, da cadeia de símbolos que ele vai agrupando e de seu processo de identificação e diferenciação, o indivíduo vai construindo sua subjetividade (Ferreira, 2022).

A primeira instituição a qual o indivíduo pertence, geralmente, é um pequeno grupo chamado família, em um elo de muita intimidade e proximidade, de laços estabelecidos desde quando ainda estava no ventre da mãe. Desse grupo, a criança vai recebendo recursos para seu desenvolvimento orgânico – alimento – e também recursos para seu amadurecimento psíquico e construção subjetiva – linguagem – e essa cadeia de “alimento e linguagem” vai se repetindo junto as nomeações simbólico-imaginárias daqueles que são próximos, os pais, os irmãos os avós, os tios (Ferreira, 2022). Depois de uma certa idade, inicia-se a vida escolar. Esse passo importante se repete tanto em culturas ocidentais quanto orientais. Nesse sentido, o primeiro grupo social seria a família e o segundo a escola, sendo assim o sujeito vai vivendo uma ampliação dos ambientes de troca e alteridade que é a sociedade (Pinto Neto, 2019).

Nesse percurso da vida o sujeito se depara com a percepção de dois pontos importantes. O primeiro é que ele não é o centro do mundo. Ou seja, juntamente com esse processo de se formar e de se tornar cidadão, o sujeito vai perdendo seu narcisismo, à medida em que vai ganhando a consciência de que o seu lugar é o de “ser mais um”. Mediante “o todo” é esse o lugar subjetivo de todo o ser vivo, mais um diante dos outros. O segundo ponto é o de que ele seria perecível, temporário e mortal. Essas seriam duas grandes feridas narcísicas que vão desinflando a visão imaginária que antes o sujeito tinha de si (Gerchmann; Antunes, 2019).

Essas feridas narcísicas, ainda que sejam impactantes, podem sim ser assimiladas pelo sujeito, ou pelo menos deveriam ser. O desafio subjetivo estaria em, após passar por essas decepções, ainda assim encontrar motivações para viver. A capacidade do sujeito em suportar tais feridas e seguir em frente estaria no fato de que ele teria recebido em algum momento de sua vida certas doses de afeto, amor e reconhecimento. O desenvolvimento psicossocial da criança se inicia no microsistema da família, sendo importante que haja interações saudáveis entre pais e filhos que preparem a criança para sua vida social futuramente (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009). Essas interações seriam importantes para a construção de um narcisismo primário, que forneceria ao sujeito uma base, um suporte para si. Desse modo, é preciso ressaltar “a importância dos investimentos narcísico-objetais maternos para a ativação de uma pulsão de vida que se encontra em estado quiescente no recém-nascido” (Gerchmann; Antunes, 2019, p. 104).



O grande problema estaria na hipótese de que um indivíduo que não recebeu afeição e orientação adequadas em pontos-chaves de sua vida, de sua construção subjetiva, em seu processo de simbolização. Os estilos parentais que os cuidadores assumem na criação dos filhos é definido pela forma como os pais interagem com as crianças, de modo que pais muito indulgentes, negligentes ou mesmo autoritários podem prejudicar o desenvolvimento dos filhos devido a excessos de permissividade ou de controle, dessa forma o estilo parental livre de excessos como esse é denominado autoritativo (Ceconello *et al*, 2003 *apud* Vieira; Mendes; Guimarães, 2009).

Ao se aprofundar na história de vida daqueles que foram capazes de realizar atos perversos como os massacres em escolas, talvez seja possível desenhar os percursos, na busca de enxergar em que momento esse ser em formação para o caminho da civilidade se perdeu. Quais seriam os processos que contribuíram para que essa pessoa saísse dos trilhos e caísse em um abismo de um ódio tal, de um enorme ressentimento, de uma falta de um reconhecimento para que decidisse dar valor a sua vida por meio de um grito desesperado de ódio e ataque, buscando a aprovação do outro por meio do planejamento e de uma ação de violência e vingança. É como se na lógica disfuncional do sujeito ele pensasse “não olharam para mim, então vocês vão ver”. Um indivíduo buscaria então por meio dessa grande lógica de ressentimento e vingança, forjar – no sentido de simular – um reconhecimento no espaço social literalmente pela força (Vieira; Mendes; Guimarães, 2009).

Outro ponto importante é a própria cultura a qual o indivíduo está inserido, sendo uma cultura que muitas vezes estimula a competição junto ao capitalismo selvagem, além de legitimar o uso de armas como forma de resolução de problemas (cultura bélica), o que influencia no modo como a sociedade acaba de um modo ou de outro dando esse reconhecimento para estes indivíduos. Após o extremo e espetaculoso ato de violência, seguido por um suicídio, a sociedade acaba por dar a estes indivíduos a fama e o reconhecimento que tanto almejam. Após a morte desses indivíduos, os movimentos, tanto dos meios jornalísticos quanto dos usuários comuns da internet, seja colocando estes indivíduos na posição de monstros, ou mesmo os colocando na posição de “heróis” dentro dos *chans*, nas comunidades virtuais as quais pertenciam, ocorre a transformação dessas figuras em *pop stars* (estrelas populares). Dessa maneira, essas figuras ganham o reconhecimento que não tiveram ou que não

souberam conquistar, por inúmeros motivos, em sua trajetória como indivíduos em uma sociedade (Pinto Neto, 2019).

Esses indivíduos então não teriam suportado atravessar as vivências em torno das feridas narcísicas, não conseguindo criar assim um lugar minimamente confortável no mundo adolescente ou adulto, com um menor brilho narcísico em que pudessem achar realizações interessantes para exercer na vida adulta. Então, teriam forjado uma espécie de caminho patológico para forçar o reconhecimento desejado, que seria por meio de uma ação espetacular do extermínio de vidas, do suicídio e de uma carapaça de um “herói do mal” ou mesmo de um vilão mortífero, de pulso, coragem e virilidade, assim como colocado por Gerchmann e Antunes (2019).

Entretanto, as forças da pulsão de morte, apossando-se do que resta da vontade de viver, vão sussurrar ao seu ouvido palavras sedutoras e destrutivas. Arrasado, o ser ouvirá o convite para pôr fim à sua vida através de um ato que lhe parecerá delirantemente heroico. Um último gesto, carregado de significado vão: “Que minha façanha sirva de modelo a toda a terra”, dirá no derradeiro instante. Acreditará demonstrar valentia quando, de fato, estará batendo em retirada (Gerchmann; Antunes, 2019, p. 111).

A última instância seria a do pós-massacre, momento em que o mundo volta seu olhar para essa pessoa, configurando o ápice do reconhecimento, mostrando o fascínio do ser humano por esses personagens, sejam eles reais ou imaginários (Gerchmann; Antunes, 2019).

Ainda é necessário analisar como muitos costumes e elementos culturais influenciam para o despontamento de novos massacres contra as escolas. No documentário *Tiros em Columbine* (2002), o diretor Michel Moore tenta compreender ou dar chaves interpretativas em relação ao atentado de Columbine. Com isso, é demonstrado como é fácil a obtenção de armas e balas nos Estados Unidos, o que significa que mesmo após tantos atentados violentos, a ideologia das armas ainda é muito presente na cultura estadunidense, ainda mais sendo sustentada e impulsionada pela indústria armamentista, demonstrando também tratar-se de uma questão econômica. Essa cultura bélica, acaba por aumentar o potencial de letalidade dos ataques contra as escolas, devido a facilidade de se obter armas e munições.

O capitalismo é um modelo econômico muito comum no ocidente, que infelizmente traz como sintoma uma competitividade exacerbada entre os integrantes da sociedade. Segundo Kurz (2002), os EUA são colocados como modelo para o restante do mundo capitalista e globalizado. Desse modo os crimes amoques estariam ligados em um amplo contexto de uma

cultura da violência dentro da sociedade, e que se replica pelo mundo com o fenômeno da globalização (Kurz, 2002).

Na sociedade capitalista, os indivíduos são socializados a serem “*winner*s”, vencedores. Mas o questionamento que fica é ser vencedores de quê? Vencedores pra quê? Por que se mutilar dessa maneira? A sociedade dá a entender que se alguém não é um vencedor ninguém gostará dele, ficará sozinho, não será bem-quisto socialmente. O indivíduo segue esse percurso, corre atrás desse “se tornar um vencedor” muitas vezes sem se perguntar se é isso que ele quer para a vida dele, sendo assim ele percorre o caminho imposto pela sociedade. Desse modo essa patológica de competição é introjetada ao sujeito, muitas vezes desde a célula familiar, competindo por atenção (do pai e da mãe). Depois na escola pra ver quem tira a melhor nota, depois no trabalho para ver quem ganha mais, para ver quem sai com mais moças ou rapazes, e isso se dissemina por todas as partes da vida (Teixeira, 2008).

Frequentemente as figuras dos atiradores são colocadas como perdedores (*losers*) que perderam tudo e vão querer comunicar para os demais, chamar a atenção deles letalmente, mostrar que eles também podem ter “sucesso” e notoriedade. Sendo assim, eles pronunciam seus atos na internet, se tomam “heróis” para uma certa comunidade, como se fossem imolar as vidas dos demais e posteriormente sua própria vida, para criar uma “seita” com ideais mórbidos. Essa notoriedade é propulsionada por uma cultura violenta, sendo veiculada pelos grandes canais de mídia, corruptos no sentido de trazer mensagens de violência e de medo (Kurz, 2002).

O que acontece com a energia de frustração contínua, de percepção de que não se é um “vencedor”, mas é tido patologicamente como um “perdedor”? Essa frustração pode gerar relações danificadas, ressentimento. Surge então a dimensão socio patológica dos massacres contra as escolas, que se dá em uma fusão paradoxal e doentia, entre narcisismo, competitividade, vontade de notoriedade e pulsão de morte, uma coisa se confundindo com a outra em um turbo capitalismo contemporâneo (Teixeira, 2008).

Atualmente, os massacres em escolas formam uma espécie de seita ou continuidade. Os “taxados como perdedores, quererão ser “ganhadores” (superiores) por sobre os escombros daqueles que os hostilizam e menosprezam, depois como último ato em prol de notoriedade, dão fim a própria vida, tendo como última vanglória a aparição na mídia, para hipertrofiar a sua

personalidade narcísica atrofiada, pra conjuminar vaidade e narcisismo com pulsão de morte (Gerchmann; Antunes, 2019).

#### 4.2.3 Pensando o discurso de ódio em diálogo com os massacres nas escolas

Diante dos ataques contra instituições de ensino no começo do ano de 2023, o Ministério dos Direitos humanos e da Cidadania (MDHC) criou um Grupo de Trabalho (GT) em fevereiro deste ano, com o intuito de enfrentar o discurso de ódio e o extremismo no Brasil. O GT era constituído por representantes do MDHC, e também por “representantes da sociedade civil – como acadêmicos, comunicadores, e influenciadores digitais –, além de observadores internacionais convidados” (Brasil, 2023a).

O documento final elaborado pelo Grupo de Trabalho foi o “Relatório de Recomendações para o Enfrentamento do Discurso de Ódio e o Extremismo no Brasil”, colocando atos extremistas contra as escolas como uma das principais manifestações do discurso de ódio. O discurso de ódio, como colocado no relatório, tem um caráter processual, não sendo algo fixo ou delimitado e sim dinâmico, detendo características próprias. Uma dessas características é de que ele tende ao escalamento e a radicalização se não controlado. Esse caráter processual de escalamento é importante pois, caso ele prossiga livremente, há uma maior probabilidade de algo que está apenas no nível do discurso acabe por se transpor em ato no mundo físico (Brasil, 2023b).

O discurso de ódio também se caracteriza fundamentalmente pela desumanização do seu objeto e por uma lógica da guerra. Dessa forma, aquele que é delimitado como inimigo tende a ser visto como um “bode expiatório”, ou seja, a fonte dos problemas que afligem as pessoas, isso justificaria a sua eliminação, seja ela simbólica ou física. Por fim o relatório também aponta que o discurso de ódio é uma tecnologia de poder. Significa que ele é em parte espontâneo, se alimentando de certos ressentimentos e preconceitos que já estão no senso comum das pessoas, mas também é em parte orquestrado, direcionado e incentivado, de modo que os esforços de combate devem ser voltados para os agentes que estão liderando esse fluxo de ódio (Brasil, 2023b).

A disseminação discurso de ódio pode contribuir para que novos ataques contra as escolas aconteçam, sendo necessário a criação de políticas públicas que combatam sua

existência e difusão na sociedade. As escolas devem ser o primeiro local em que as ações de prevenção e combate devem ser tomadas, conscientizando alunos, pais, professores e demais funcionários das instituições de ensino sobre as manifestações do discurso de ódio e suas possíveis consequências contra a sociedade (Martins, 2019).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar sistematicamente os fenômenos criminológicos pode-se lê-los de maneira a tentar perceber como os sujeitos que estão operando esses crimes podem estar informando a respeito de outras violências anteriores, que muitas vezes parecem invisíveis. Esses indivíduos estão inseridos numa sociedade que também é violenta, sexista, misógina e muitas vezes apresenta uma cultura armamentista bélica muito contundente. A perspectiva aqui não é dizer que eles são meras vítimas, mas sim entender a partir de qual caldo cultural e de qual contexto esses elementos vão conformar personalidades complexas.

Em sua tese de doutorado, Bispo (2015) argumenta que a violência é uma característica intrínseca ao ser humano, implicando que cabe a psicanálise assumir e trabalhar com o fato de que mesmo com os avanços da civilização, ou seja, da sociedade como um todo, não seria possível apagar por completo o potencial humano de letalidade contra o outro. Contudo “não é, pois, para considerar a violência um fato natural e justificado que admitimos esse pressuposto, mas para tomar de frente o problema suficientemente apontado por Freud da impossibilidade de eliminar-se, do universo humano, a potência de morte que nele habita” (Bispo, 2015, p. 16).

Ainda que seja improvável remover por completo o potencial do ser humano de violência contra o outro, cabe à sociedade perceber os pontos falhos em seu funcionamento e estrutura, que glorificam e viabilizam a disseminação da ideia de violência como uma opção para a resolução de conflitos individuais e sociais. Essa disseminação pode culminar em um discurso de ódio, muito presente nas subculturas dos grupos online que incentivam ataques contra as escolas.

Nos casos de ataques contra escolas aqui apresentados, os indivíduos que executaram tais atos acabaram por se fechar em seus mundos e ideais distorcidos, participando de grupos extremistas na internet ou se isolando do contato social, construindo assim “câmaras de eco”

que reforçavam o ódio que sentiam. Os reais motivos que os levaram a realizar atos tão extremos se foram com suas mortes, sendo possível apenas inferir prováveis variáveis que aturam na vida dessas pessoas. Dessa forma, estudar sobre possíveis influências externas que teriam os incentivado a cometer tais atos não legitima o fato, porém cria caminhos para possíveis ações de prevenção e conscientização contra esses atos de extrema violência dentro e fora do Brasil.

Além de eventos cruéis, injustificáveis e impactantes, os massacres em escolas chamam atenção para o mal estar presente na cultura, assim como já era discutido por Freud, em seus textos voltados para o social. A forma violenta como os recursos midiáticos operam, a violência nas escolas, como o *bullying*, e as subculturas extremistas na internet são produtos de uma cultura também violenta. Nesse sentido os ataques contra as escolas são um convite à sociedade a se repensar e se refundar. Dessa forma pode ser criada uma sociedade mais civil, culta e interativa, e o começo para tal se estabelece na mensagem que a cultura passa para os indivíduos em sociedade. É necessário desenvolver o conceito de autocrítica, de modo que o indivíduo deve aprender a observar a si mesmo e a sociedade aprender a si observar, percebendo seus elementos contraditórios, fragilizados e ultrapassados.

O presente artigo buscou conhecer, analisar e discutir sobre os fatores que contribuem para o surgimento de massacres contra as escolas em diferentes contextos. Por meio do estudo de três casos diferentes, que aconteceram dentro e fora do Brasil, foi possível perceber a natureza narcisista, preconceituosa e desagregadora por trás dos crimes de tiroteios escolares. Ainda são necessários novos estudos sobre as causas e fatores de risco associados a esse fenômeno criminológico, assim como possíveis forma de prevenção e intervenção para a promoção de uma cultura de paz dentro e fora dos muros das escolas.



**Abstract:** School massacres are crimes that, when they occur, cause great repercussions and apprehension in society in different areas. Therefore, it is necessary to debate the occurrence of these cases not only in the Brazilian context, but also outside it, in order to have a more comprehensive view of the points that are repeated in these acts and the possible agents that contribute to their disappointments. The general objective of this research seeks to associate, through a case study, themes that permeate the subject, such as media coverage, bullying, the internet and its productions, and also the concept of culture, in the light of psychoanalysis. The work was carried out through bibliographical research, so that the qualitative research method was used and the study of three real cases of attacks against schools that occurred in Columbine, Realengo and Suzano, for a broader understanding of the phenomenon. Behind school massacres there are several agents that influence and reinforce the act, ranging from the media repercussion, the narcissistic and morbid desire for notoriety and the presence of cultural elements that disseminate hate speech. In this way, culture and society itself must be reviewed in its values, functioning and structure, so that there are no more factors contributing to the genesis of new school shootings.

**Keywords:** Culture. School. Narcissism. Psychoanalysis. Violence.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. P. D.; WILLIAMS, L. C. D. A.; D'AFFONSECA, S. M. Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, ed. 29, ano 2013, n. 1, p. 91-98, Bimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9CSyDcyzjxBhyP6txFNYfVp/?lang=pt#>. Acesso em: 9 set. 2023.

ALVES, F. D. S. A criminalidade na Deep Web. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 33, n. 67, p. 123-141, 2018. Disponível em: <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/910>. Acesso em: 1 set. 2023.

ARAÚJO, M. D. G. Considerações sobre o narcisismo. **Estudos de Psicanálise**, Aracajú, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 2 out. 2023.

ATAQUES violentos às escolas no brasil: um fenômeno a ser enfrentado. Vídeo. 2h53min50s. Publicado pelo canal Faculdade de Educação da Unicamp. 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vCnIHGRi9XQ>. Acesso em: 19 ago. 2023.

AZEVEDO, M. K.; NETO, G. A. R. M. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67-75, abr.

2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 set. 2023.

BERNARDO, A. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. **BBC News**, Rio de Janeiro, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>. Acesso em: 5 abr. 2023.

BIRMAN, J. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: Psicanálise à Prova do Social. **Physis: revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro: Scielo, ed. 15, ano 2005, p. 203-224, Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

BISPO, F. S. **A morte violenta**: Uma abordagem psicanalítica sobre seus diferentes modos de apresentação no laço social. Orientador: Oswaldo França Neto. 2015. 244 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/47332>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BOTÃO, A. C. R. ; SOUZA, J. A. T.; RIBEIRO, M. D. S. O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio. In: **Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sul**, XX, 2019, Porto Alegre. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 2019, 12 p. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0402-1.pdf>. Acesso em: 6 out. 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **MDHC entrega relatório com propostas para enfrentar o discurso de ódio e o extremismo no Brasil**. Brasília, DF: . Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 8 set. 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/mdhc-entrega-relatorio-com-propostas-para-enfrentar-o-discurso-de-odio-e-o-extremismo-no-brasil>. Acesso em: 2 out. 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Relatório de Recomendações para o Enfrentamento do Discurso de Ódio e o Extremismo no Brasil**. Brasília, DF: . Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 3 jul. 2023b. Disponível em: [https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Relat%C3%B3rio-GT-%C3%93dio-e-Extremismos-Digital\\_30.06.23.pdf](https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Relat%C3%B3rio-GT-%C3%93dio-e-Extremismos-Digital_30.06.23.pdf). Acesso em: 2 out. 2023.

CALAZANS, R.; BASTOS, A. Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, p. 245-256, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/wdKLXK4hCZrxGYwXbmdTghC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2023.

CARVALHO, C. Ele sempre gostou dessas coisas de nazismo, gótico, diz mãe de atirador. **O Globo**. 14 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/ele- sempre-gostou-dessa-coisas-de-nazismo-gotico-diz-mae-de-atirador-23522945>. Acesso em: 8 abr. 2023.

CRONOLOGIA: massacre em Suzano. **G1**. São Paulo, 13 mar. 2019. Mogi das Cruzes e Suzano. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2023.

CULLEN, D. **Columbine**. Nova York: Riverrun, 2009. *E-book* (442p.) P&B. ISBN: 9781787477087. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Columbine-English-Dave-Cullen-ebook/dp/B07K6TF7YV?ref\\_=ast\\_author\\_dp&asin=B07K6TF7YV&revisionId=d3337f3a&format=1&depth=1](https://www.amazon.com.br/Columbine-English-Dave-Cullen-ebook/dp/B07K6TF7YV?ref_=ast_author_dp&asin=B07K6TF7YV&revisionId=d3337f3a&format=1&depth=1). Acesso em: 1 jul. 2023.

FERREIRA, L. J. **O conceito de grande Outro em Lacan: a alteridade fundamental do simbólico**. Orientador: Marco Antônio Coutinho Jorge. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/19268>. Acesso em: 9 set. 2023.

GERCHMANN, A.; ANTUNES, C. A. O suicídio na era do espetáculo: a respeito dos massacres nas escolas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 103-116, dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2019000400007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000400007&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 14 set. 2023.

GUIMARÃES, R. M.; BENTO, V. E. S. O método do “estudo de caso” em psicanálise. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 91-99, 21 mai. 2008 Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/1484>. Acesso em: 2 set. 2023.

KURZ, R. A pulsão de morte da concorrência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 mai. 2002. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kurz/2002/05/26.htm>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LIMA, G. R. D.; SANCHEZ, C. J. P. O surgimento de um assassino sequencial. **ETIC - Encontro De Iniciação Científica**, São Paulo, ed. 13, ano 2017, n. 13, p. 1-11, Mensal. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/6470>. Acesso em: 22 abr. 2023.

LIMA, R. D. Após o massacre de Realengo. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 11, n. 121, p. 130-134, 5 jun. 2011, 15196186. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13646>. Acesso em: 29 ago. 2023.

LIMA, R. D. Massacre nas Escolas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 96, p. 1-3, 6 mai. 2009, 15196186. Recuperado em 11 de mai. de 2018. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42409>. Acesso em: 28 ago. 2023.

LOPES, A. J. Considerações sobre o massacre de Realengo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, ed. 37, ano 2012, p. 25-44, jul. 2012. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372012000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372012000100003&script=sci_arttext). Acesso em: 8 set. 2023.

MARTINS, A. C. L. Discurso de ódio em redes sociais e reconhecimento do outro: o caso M. **Revista Direito GV**, v. 15, n. 1, p. 1-30, 2019. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rdgv/a/WPZBfgrv6Md957dSxz7Hh5h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MARTINS, M. C. F. N.; BÓGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 44-57, set. 2004. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RVqT6nk8tM8q3rLf5FSfGKN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MASSACRE de Columbine, nos EUA, completa 20 anos em abril; relembre. **G1**, 13 mar. 2019a. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/13/massacre-em-columbine-nos-eua-completa-20-anos-em-abril-relembre.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2023.

MASSACRE de Columbine, uma memória fresca 20 anos depois. **Estado de Minas**, 18 abr. 2019b. Disponível em:  
[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/18/interna\\_internacional,1047357/massacre-de-columbine-uma-memoria-fresca-20-anos-depois.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/04/18/interna_internacional,1047357/massacre-de-columbine-uma-memoria-fresca-20-anos-depois.shtml). Acesso em: 5 abr. 2023.

MASSACRE de Columbine. **Memória Globo**, 28 out. 2021. Coberturas. Disponível em:  
<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-de-columbine/noticia/massacre-de-columbine.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2023.

MASSACRE na escola – A Tragédia das Meninas de Realengo. Direção: Bianca Lenti. Produção: Beatriz Petrini. Roteiro: Daniela Kopsch. Fotografia de Dudu Mafra. Brasil: Giros filmes & Warner Bros. Discovery, 2023. Online HBO Max. Disponível em:  
<https://play.hbomax.com/player/urn:hbo:episode:GZlXzAQLhP5l1nwEAAAAC>. Acesso em: 8 jul. 2023.

OLIVEIRA, V. N. D. **Violência na escola como reflexo da sociedade**. Orientador: Suelídia Maria Calaça. 2014. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2963>. acesso em: 16 jul. 2023.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A. D. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. **Interações**, São Paulo, v.

10, n. 20, p. 109-126, dez. 2005, 1413-2907. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/354/35402008.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

PINTO NETO, M. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. **Dialogia**, São Paulo, v. 33, p. 178-191, 21 dez. 2019, 1983-9294. DOI:  
<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n33.13790>. Disponível em:  
<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790/7840>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PIZZANI, L.; *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Ver. Dig. Bibl. Ci. Inf.** Campinas – SP, v. 10, n. 1, p. 53-66, jul/dez. 2012. Disponível em:  
[https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf\\_28](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28). Acesso em: 9 abr. 2023.

RISTUM, M. Bullying Escolar. In: ASSIS, S. G. D.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. **Q. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n1WLAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&ots=QIDF7xWfaH&sig=EBfYxSereloNkBUmWdx5r1sd1pg#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 9 set. 2023.

SUZANO: “Tenho medo de sair na rua”, diz avô de um dos atiradores. **Metrópoles**. São Paulo, 17 mar. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/suzano-tenho-medo-de-sair-na-rua-diz-avo-de-um-dos-atiradores>. Acesso em: 21 abr. 2023.

TEIXEIRA, M. A. A violência no discurso capitalista: uma leitura psicanalítica. **Asephallus**, Rio de Janeiro: Sephora, ed. 3, ano 2008, p. 1-8, Mensal. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-516741>. Acesso em: 10 out. 2023.

TIROS EM COLUMBINE. Direção: Michael Moore. Produção: Kathleen Glynn, Jim Czarnecki. Roteiro: Michael Moore. Estados Unidos da América: MGM, 2002. Online YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qyGZu0TKlc0>. Acesso em: 7 jul. 2023.

TRAGÉDIA em Suzano: Polícia diz que 3º jovem participou de planejamento de massacre; veja o que se sabe. **BBC News**, 13 mar. 2019. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47548654>. Acesso em: 14 abr. 2023.

VARGAS, A. Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores. **BBC News**, Suzano, 13 mar. 2020. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51880555>. Acesso em: 21 jul. 2023.

VIEIRA, T. M.; MENDES, F. D. C.; GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virgínia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 493-501, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/yS4t7zpXbwTKRbQ9Cgzmtbg/?lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2023.

VIGNOLI, R. G.; MONTEIRO, S. D. Deep Web e Dark Web: similaridades e dissimilaridades no contexto da Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, ed. 32, ano 2020, p. 1-12, Mensal. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/8QrnXfB7VXrG4G6ywmhZngK/?lang=pt#>. Acesso em: 1 set. 2023.